

## APRESENTAÇÃO

Um tema feliz – *A cerca do Divino: imagens e conceitos* – acompanha a primeira publicação do CENTRO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE GREGA, do Departamento de Filosofia da PUC-SP. Textos sobre o divino são sempre instigantes e bem-vindos, principalmente quando de áreas aparentemente diferentes, ao menos para a estrutura do ensino universitário: Psicologia, Antropologia, Literatura; são saberes que crescem relações riquíssimas para nós, iniciados e iniciantes em Filosofia. E acreditamos que seja recíproco tal acréscimo.

Talvez, o nome desta publicação soe estranho aos nossos ouvidos modernos – *Hypnos* (sonho e inspiração) –, mas esperamos que menos estranho que o nome seja a idéia da interdisciplinariedade que, teimosamente, insistimos em manter. Ao invés de um “avant-propos” esperado em todos os livros, revistas, cadernos, sugerimos que o leitor acompanhe o texto que se segue, um texto que procura apresentar, de modo um tanto astucioso, as intenções do CENTRO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE GREGA que acompanharão os próximos simpósios e a próxima *Hypnos*.

### A FILOSOFIA E SEUS DEUSES

1. Antes de sua morte, Heidegger foi entrevistado pela revista L'express, em outubro de 69, e perguntado sobre a crise da universidade e do sentido do estudo da filosofia, o filósofo afirmou que ‘...a filosofia é essencialmente intempestiva porque é uma dessas coisas raras, cujo destino é de jamais poder encontrar ressonâncias imediatas.’ No que diz respeito ao pensamento grego, do qual somos herdeiros, considerou-o alheio ao mundo moderno,

mas um bom ponto de partida para aquele que tem 'amor à sabedoria'. O renascimento da Antigüidade, para ele, é absolutamente improvável, pois hoje pensamos tecnicamente e, paradoxalmente, o pensamento técnico, exatamente porque é técnico, não pode pensar o que ele é, o mesmo acontecendo com a ciência. Nas suas palavras, a ciência não pensa, mas usa o pensamento. Devemos acreditar que há um, como quis Husserl, que deve pensar os saberes? Sim, e esse saber é a filosofia.

Merleau-Ponty, nessa mesma linha, afirma nos 'Sinais': "... Uma cultura julga-se pelo grau da sua transparência, pela consciência que tem de si mesma e das outras... O que aprendemos sobre as relações históricas da Grécia e do Oriente, e, inversamente, tudo quanto descobrimos de 'ocidental' no pensamento oriental... impede-nos de traçar uma fronteira geográfica entre a filosofia e a não-filosofia." Tais afirmações dão-nos impulso para pensar esse saber embrionariamente divino, a filosofia, abraçada em seu berço por Athena.

A representação espaço-temporal que hoje temos do processo civilizatório aparece-nos como movimento progressivo, do 'primitivo' para o 'científico', uma herança do século XIX. No afã de buscar a generalização, nossa época arredonda as multiplicidades diferenciadoras para melhor organizar os 'fatos'. Mas, a teimosia de alguns compromete essa leitura quando voltam ao 'passado', curiosos quanto ao saber dos mitos e do pensamento antigo, curiosidade que logo se transforma em espanto diante das respostas encontradas e que, de tão refinadas, são difíceis de compreender. O olhar desses homens curiosos ilumina caminhos inesperados para nós. Alguns desses caminhos trazem, simplesmente, o desfrute do saber, como se conhecer fosse apenas a decifração de um enigma; outros abrem possibilidades de respostas a questões atuais que, por vezes, se movem circularmente em nossas mãos sem que vislumbremos o seu nó, até que um texto antigo seja inspirador para o desate. Talvez seja isso o que Heidegger quis dizer ao falar da Antigüidade como ponto de partida para os estudos filosóficos.

À pergunta: o que foge das linhas gerais que, nos dias de hoje, representamos a nós mesmos como sendo nossa civilização? O que ela não quer comportar é o mito, a religião, os saberes exteriores ao padrão científico-tecnológico, criando com isso 'margens' pouco visíveis ao caminhante-pesquisador. Realmente, há dificuldades para pensar a amplitude dos aspectos da vida e, talvez por isso, parte dela é negada ou simplificada em demasia. O mito, diz nossa representação atual, é um resquício do passado que deverá, mais cedo ou mais tarde, ser superado; a filosofia, no próprio modo anti-filosófico de estruturar-se nas universidades, perde, todos os dias, o seu sentido indagativo para tornar-se um saber morto repassado formalmente em palavras bem articuladas; o futuro é projetado a partir de um

presente amparado na circularidade de desejos e que projeta a ação como repetição. Esta, cuidadosamente velada para fazer-se passar por criação, termina impedindo a chegada do espanto ou do inesperado.

Entretanto, se pensadores afirmam a extrema limitação a que chegaram nossos pensamentos e ações neste fim de século, é nisto mesmo que nasce a possibilidade de saída desses limites, apesar da repetição pré-vista do agir técnico. Pois, ao querer pensar o pensamento técnico, acha-se uma relação instigadora: a 'technê' é arte de fabricação, e o aprendizado técnico é o saber repetir, imitar. Assim, a arte da retórica é o aprendizado sobre a boa disposição das sentenças no discurso, é aprender a repetir e imitar o melhor uso que se pode conseguir das palavras, para que se tenha o poder de persuasão, um poder que se lança sobre o pensar do outro e o aprisiona, fazendo-o assemelhar-se às palavras ouvidas. Também a arte do pintor, do escultor, do poeta é um aprendizado que tem o poder de belamente iludir pela imitação, assim como a arte de fabricar sapatos é o aprendizado que tem o poder de repetir o que a natureza faz, isto é, o pé. Para ser um técnico, portanto, é preciso ter *Métis* – Astúcia –, quer no modo de cortar o couro, no de pintar, com borrões bem coordenados, o véu na mulher renascentista, ou de dispor as sentenças ao falar em público, imitando, como diria Platão, a verdade.

Escondida no pensamento técnico, a '*Métis*' sempre acompanhou os filósofos, apossando-se das entrelinhas dos textos bem-comportados desses gênios tão pouco míticos, tão pouco sagrados! Ora, é a deusa grega *Métis* quem acompanha a astúcia dos fabricantes de 'aparências'. E, se quisermos ser interdisciplinares, temos que ousar – e falar de mitos é sempre uma ousadia –, o que deve vir acompanhado de '*métis*'.

2. Nos tempos primordiais "dos engendramentos solitários e das separações", Eros, o Amor, não atuava, segundo as palavras de Nicole Loraux (*Dictionnaire des mythologies*). Nux (Noite), sozinha, engendrou Thanatos (a odiosa morte), irmão de Hypnos (Sono, Inspiração). Outras divindades acercam-se de Thanatos e Hypnos no comércio incessante entre os deuses. Ao seu lado está Hades, deus do subterrâneo, representado pelo grego na companhia de Hermes, olímpico e dubiamente ctônico e psychopompo, deus que é guia e mensageiro e que se move da terra dos homens para as trevas ctônicas, sempre acompanhando os que saem da vida para a morte. Além de mensageiro, Hermes é mestre dos sonhos, em estreita relação com Hypnos, pois o Sono é doce aos homens e abre as fronteiras do sonho, da liberação, das visões. Dormir é uma benção dos deuses, mas é, também, o perigo da ausência, uma espécie '*sui generis*' de morte, de entrada no desconhecido, como nos lembra Shakespeare, no Hamlet.

Nos campos cultivados os homens gregos antigos viam nascer seus alimentos, provenientes, entretanto, do temível reino subterrâneo, invisível, domínio de Hades, das sombras dos mortos. Ambigüidade importante, da morte nasce a vida e da vida, a morte, par de contrários que preocupou Platão e gerou um dos mais belos e difíceis textos sobre a alma: o 'Fédon'.

Ora, Hermes Psychopompo marca arcaicamente a representação da fertilidade. Signo da virilidade, é um deus multiplicador dos rebanhos. Assim, Thanatos, geração da escuridão de Nux, representado junto aos subterrâneos de Hades, une-se no pensamento mítico a Hermes mensageiro entre dois mundos, o que lhe dá ambigüidade: o que morre é também o que pode dar vida.

Entretanto, os homens não aceitam olhar Thanatos com o olho de cíclope, e usam um segundo olho, o de Métis, deusa da astúcia. É preciso escapar da Morte enquanto rosto de Nux, fugir do aniquilamento, da aporia, da escuridão, e também do Sono que desprotege. Há inúmeras maneiras de fazê-lo, nenhuma sem a deusa Astúcia. Há subterfúgios, fugas, pedidos aos deuses cuja força possa impedir a ação de Thanatos odioso e de Hypnos brumoso. Criam-se relações entre Zeus e seu raio, Apolo e seus signos enganadores, Athena e sua sabedoria, e principalmente com Métis e suas trilhas tortuosas.

Enquanto filhos de Nux, Thanatos e Hypnos são, para aquele que pensa, barreiras que apontam para a ausência de imagens esclarecedoras, de definições, de medidas, pois o domínio de suas faces terríveis pressupõe a mesma confusão de direções que há para as almas no Tártaro. A morte é impossibilidade de subterfúgios, ausência de vigilância; o sono é relaxamento da atenção, um estado fantasmagórico. Mas, isto é válido para aquele que, ciclopicamente, vê com um só olho, pois com o segundo olho, as alianças são feitas, com Métis, Zeus, Apolo, Athena, e o que pode aniquilar, pode também gerar. Da morte à vida, da dormência à inspiração. Nascerem definições, representações, medidas, direcionamentos sutis, instrumentalização das situações pelo uso da 'mechanê' (do maquinismo). O uso do artifício, que o grego costuma aderir mais ao feminino enquanto potência de sedução, vingança e fraude, presentifica-se na união Thanatos-Métis-Hypnos. Não podemos ultrapassar os limites do humano, mas podemos adiar a morte, limitar a dormência e a lascidão, direcionar a destrutividade, fraudar a repetição de nosso agir. A literatura cuidou de resgatar a ambigüidade desses filhos de Nux. Que se lembre, tão somente, de Goethe e seu mefistofélico 'Fausto', ou dos contos de fadas e das inúmeras peripécias dos heróis e heroínas para escaparem do que seria seu destino, ao buscarem definir, medir, calcular, direcionar subterraneamente seus objetivos, inspirando-se em técnicas de enganar.

O mito mostra, na riqueza de sua simbologia, que outros deuses estão em comércio, que outras relações nos interessam e devem ser feitas, uma vez que somos nós os simbolizadores. Mas, nos nossos dias, por que falar dessas figuras míticas para leitores de filosofia?

3. Dizíamos, no início, que a filosofia perde o sentido de saber questionador, de movimento 'erótico', nas nossas universidades. O mito é marginalizado como saber 'infantil' ou explicado 'tecnicamente'. Ora, se os deuses gregos voltassem aos nossos dias, poder-se-ia dizer que a técnica é a nossa Métis, que guardamos seus caminhos tortuosos, seus estratagemas sutis, mas como não temos um Pantheon, não relacionamos essa deusa com nenhum de seus parentes, e isto a faz excessivamente poderosa. Sem limites, a astúcia pode tornar-se exercício útil da repetição insuspeitada, e acaba por projetar o gosto do subterfúgio por ele mesmo. Sem finalidade última, o maquinismo leva o homem ao outro rosto da Morte, à aporia, à ausência dormitiva de Hypnos. Métis, como se sabe, foi engolida por Zeus, temeroso dos seus excessos, e estando grávida, haverá um nascimento, de Athena, pela cabeça de seu pai, Zeus. Uma nova cadeia simbólica adverte para os cuidados que se deve ter com o pensamento ardiloso por si só. O comércio entre os deuses, ou, em outras palavras, a presença de Eros como deus atuante, entrelaçante, relacional, não pode ser perdida. Eros, que nos primórdios não atuava, nas gerações seguintes se faz necessário, segundo a Teogonia de Hesíodo.

Platão, um filósofo por demais astucioso, apresenta claramente o que é a filosofia: é *atividade amorosa* que nos leva, como um 'daímon', do mortal ao imortal e do imortal ao mortal ("Banquete"). A atividade erótica da filosofia, expressão da mobilidade *hermética* entre os domínios do visível e invisível, carrega a sabedoria de Athena e de Zeus, seu pai, sabedoria que se utiliza, quando assim é necessário, da rede ardilosa de Métis, sua mãe, na forma da composição dos 'lógoi'. Com uma face de Thanatos e outra de Hypnos, a filosofia pode gerar a vida, o novo, ao ser acompanhada de inspiração, mas pode, também, apresentar-se aporeticamente, ou perder seu caminho na confusão do espaço indimensionável do Tártaro, isto é, do processo logístico sem 'télos', 'Daimoníaca', astuciosa nos modos de indagar, no estilo de linguagem ao poder usar mitos, metáforas, alegorias, e outros recursos retóricos, ela guarda a 'technê' própria de Métis e de Apolo, deus dos signos ocultos, ao mesmo tempo em que Dioniso também nela coloca suas máscaras e faz, dos aprendizes de filósofo, os bacantes, como aponta simbolicamente Platão em seus diálogos.

Apesar de ter que enfrentar possíveis sonos dogmáticos, a filosofia participa de Eros quando recusa ser a sabedoria ou a ignorância e se

nomeia 'amiga do saber', intermediária ao modo da mobilidade vigilante de Hermes ctônico e ao da fertilidade de Hermes psychopompo.

A filosofia e seus deuses, dissemos. Sendo um saber de ressonância não-imediata, não pode ser '... apreciada por critérios comuns, não se pode adquiri-la e utilizá-la diretamente...', como diz Heidegger. Ora, o resgate dos mitos pode significar, para a filosofia, apanhar algo de que ela jamais prescinde: a diferença e a semelhança. Ou, como diz Merleau-Ponty, que possa pensar-se a si própria e ao que não é ela... – eis o que não pode ser separado. Se levarmos ao pé da letra a afirmação de que a filosofia não pode dispensar nenhum saber para pensar-se, fica a dúvida: como consideraríamos, hoje, a seguinte colocação?:

“... Zoroastro dá como um segredo infalível para conhecer a abundância da colheita para o ano seguinte, de fazer o seguinte: é preciso por volta de 15 de junho, preparar um pequeno canteiro de terra, à maneira que se prepara ordinariamente a sementeira. Aí se semeia toda espécie de sementes e, como nessa estação o calor é ardente e poderia impedir que a semente germine e que saia comodamente, observe-se após a sementeira qual dela virá melhor e terá a mais bela aparência, no tempo em que a canícula começa a reinar no horizonte, pois estará advertido por esse sinal de que a abundância virá da semente que melhor tiver aparecido, e aquelas que não aproveitaram da preparação que foi feita, serão estéreis.’

Esse é um extrato do texto 'Libellus de mirabilibus naturae Arcanis', de Alberti Parvi Lucii, também chamado posteriormente 'Pequeno Alberto'. Essa obra é considerada um manual de magia medieval, e demonstra a leitura dos sinais, a observação da natureza e suas relações com o céu, leitura não-ausente de nossas representações modernas. Note-se que Alberti refere-se, inicialmente, a Zoroastro, cuja origem perde-se na antiga Pérsia. Mas Alberti – e com mais razão Zoroastro – fazem parte da multiplicidade posta à margem em nossos dias!

Quanto à atual filosofia, acredita ela não fazer parte do saber marginal, mas, dúbia desde o nascimento foi sempre pertinente a uma pequena 'casta' social, ao mesmo tempo em que se universaliza ao pensar a cidade, o cosmo, o homem; por vezes, tenta reconhecer-se num campo próprio, com objeto próprio, à maneira da ciência, mas se tiver um rosto bem definido, fenece, transforma-se em campo restrito de pesquisa, tecniciza-se em demasia, restringe-se e destrói seu movimento 'daimônico'. Ela, que já foi serva da teologia, pode vir a ser, pela segunda vez, serva, mas de um *único modo de interpretar o mundo*: o da ciência e da técnica. O fenecimento da filosofia se inicia quando ela se fecha na solidão de um só modo de ver as coisas. Aí, fica fácil dizer que esse saber está nos seus estertores.

Nietzsche, que tão profundamente buscou a filosofia grega, diz que no tempo dos gregos '... tinha-se ainda sobre a língua o outro gosto, mais antigo e outrora todo-poderoso: contra ele o novo se destacava tão feiticeiramente, que da dialética, da arte divina, se cantava e baluciava como se fora um delírio amoroso... pensar era um *redizer* e todo prazer do dizer e da conversação tinha de estar na forma... Foi Sócrates quem descobriu o feitiço oposto, o da causa e efeito, do fundamento e consequência: e nós, homens modernos, estamos tão habituados à necessidade da lógica e educados para ela que a temos sobre a língua como o gosto normal...' (in Aurora, 544).

Nietzsche tem razão, é preciso sair do hábito, do hábito de ver, ouvir, degustar, cheirar e tatear o mundo, e se falamos da Filosofia e seus deuses, podemos, quem sabe, ter na língua o gosto do novo. Mas Nietzsche não poderia ter reconhecido isto sem o conhecimento do pensamento socrático. O júbilo, a embriaguez, como quer esse filósofo, acompanham a invenção da filosofia. Então, se num primeiro momento os estudos da Antigüidade não têm mais sentido para nós, para os olhos não-ciclópicos ao menos são um bom ponto de partida.

Se essas palavras soarem estrangeiras, ao ponto de não reconhecermos a necessidade da busca do inabitual, dos signos ocultos, do não-repetitivo, não tocaremos, neste fim de século, no escondido dos textos, nos processos imitativos mercadológicos, nos desejos expostos na repetição. Então, podemos dizer que os deuses realmente cansaram de nós, e a divina filosofia nada mais tem de divina, transformada em mero utensílio para cavar seu próprio buraco. Entretanto, a *Hypnos* não crê nisso...

*Rachel Gazolla de Andrade*

Prof. Dra. da PUC/SP – Dep. de Filosofia e membro  
da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos SBEC  
Coordenadora